

“Père-version”

Perversão, perversões... “Père-version”, *pères-versions*... Versões do pai¹.

Messias Eustáquio Chaves

Psicólogo. Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG.

Palavras-Chave

Père-version – Perversão – Neurose – Psicose – Édipo – Castração – Inconsciente – Estrutura – Metáfora paterna – Pulsão – Gozo – Desejo – Fantasia – Lei – Pai – Supereu – Angústia – Recalque – Recusa – Renegação – Desmentido – Outro – Falo – Identificação – Fixação – Desafio – Transgressão – Montagem – Imaginário – Simbólico – Fetichismo – Semblante – Objeto ‘a’ – Causa-de-desejo – Mais-gozar – Sado-masoquismo – Analista – Pacto Civilizatório

“Père-version” fala das diferentes versões do Pai, apontando para o lugar da estrutura. A perversão é uma das versões do Pai, tanto quanto a neurose e a psicose. São diferentes respostas da relação inconsciente do sujeito ao Pai, este representante mestre da ordem simbólica, S_1 , o Um, cujo desejo tem valor de Lei. A resposta estruturada como uma neurose tem como característica principal colocar questões referentes ao *desejo do Outro* – aos efeitos da castração e da dívida simbólica. No caso da perversão, as questões estão relacionadas ao *falo* e ao *gozo*. No caso da psicose, as questões estão relacionadas, principalmente, ao *corpo* e ao *narcisismo primário*.

Lacan brinca com a palavra que, em francês, tem a propriedade de remeter à idéia de “uma das versões do pai”. Assim, a perversão é uma das versões do pai, tanto quanto a neurose e a psicose. Se acreditamos, com a psicanálise, que de fato existem três estruturas psíquicas – detectadas na clínica e elaboradas teoricamente por Freud e por Lacan –, temos de ser capazes de distingui-las umas das outras. O nosso ponto de referência é, também, o ponto de referência central da teoria psicanalítica, ou

seja, os dois grandes complexos: Édipo e Castração².

Segundo Freud, esta é uma travessia estruturante e constituinte do sujeito humano. A estruturação da linguagem é, ao mesmo tempo, a constituição do inconsciente, das instâncias psíquicas (Eu, Isso, Supereu), do desejo, da fantasia inconsciente (o “fantasma”), do sintoma e das diversas versões clínicas do pai.

É interessante pensar se, de fato, temos três estruturas psíquicas, ou, se é possível, teoricamente, acreditar na existência de uma estrutura psíquica

¹ *Père-version*. Expressão usada por Lacan no *Seminário sobre Joyce*, quinze anos após o *Seminário da Ética*.

² FREUD, S. Esboço de psicanálise, *Edição Standard Brasileira*, v. XXIII.

fundada no significante da castração simbólica, isto é, no funcionamento da *Metáfora Paterna* – o mesmo que dizer, na constituição da Ordem Simbólica – apresentando *três versões diferentes do Pai*, ou seja, três efeitos diferentes do entrechoque significativo entre os representantes paternos, que se revelariam na clínica de três formas diferentes, chamadas de “estruturas clínicas”, constituindo-se em três prolongamentos estruturais dessas *diferentes manifestações clínicas* – dos sintomas, das fantasias, dos desejos, dos comportamentos, etc. –, que adviriam de UM só eixo estrutural psíquico.

É o *significante da castração simbólica* que atravessa o nosso corpo “natureza” e transforma-o num corpo “biopsicosocial”, isto é, num corpo habitado pela linguagem, subjetivado, desejante. Neurose, psicose, perversão, são efeitos e não causa, são versões do Pai, são manifestações intrínsecas da relação do sujeito ao Pai, este representante mestre da ordem simbólica, S₁, o Um, cujo desejo tem valor de Lei, de um limite ao gozo absoluto da relação incestuosa com a mãe (ou, *d’A Mãe*), de suporte à Cultura e ao chamado “Pacto Civilizatório”³.

Diante do *Desejo-Lei* deste Pai Outro, que aponta para – e sempre faz lembrar – o real da morte e da castração, o ser só pode responder com a angústia – do desamparo irreduzível, do vazio, da falta, da perda, da culpa, da dívida simbólica – e se descobrir sujeito dos seus próprios significantes inconscientes. A resposta estruturada como uma *neurose* tem como característica principal colocar questões referentes ao desejo do *Outro* – aos efeitos da castração e da dívida simbólica. Na *perversão*, a característica principal tem a ver com questões relacionadas ao *falo* e ao *gozo*. Na

psicose, a característica principal tem a ver com questões relacionadas ao *corpo* e ao *narcisismo primário*. Como já disse antes, esses três tipos diferentes de respostas são direcionadas ao Pai e à castração simbólica.

A resposta neurótica se faz através do recalque (*Verdrängung*) e produz efeitos de submissão à castração e à lei do pai. A resposta perversa se faz através da *Verleugnung*, que traduzimos por recusa, denegação (ou, renegação) e desmentido (desdizer) da castração e da lei do pai. A resposta psicótica se faz através da *forclusão* (*Verwerfung*), que é o efeito da não inscrição (*Behajung*) do significante fálico, da castração simbólica, da lei do pai.

O significante da castração está *fora* – o psicótico não sabe o que é isso –, enquanto o perverso sabe, mas renega esse saber, desmente-o, recusa-o, num movimento duplo de afirmá-lo e desdizê-lo, ao mesmo tempo. Por isso, o perverso é aquele que, paradoxalmente, *mais se ocupa do pai*, mais se torna “prisioneiro” do pai, amarrando-se a ele através do jogo ou da cumplicidade perversa, da dinâmica do desafio e da transgressão da Lei. É assim que o perverso busca o seu gozo ao tentar, incessantemente – fixado, cristalizado em suas fantasias –, fazer o *Outro* gozar, isto é, alcançar o gozo absoluto, ultrapassando todos os limites possíveis e impossíveis.

Sabemos que é num determinado momento da vivência edipiana – instante que tem a ver com o tempo lógico e não cronológico, portanto, nada de pensar como sendo aos 2, 3 ou 4 anos de idade – que se dá a “escolha” (Freud) da neurose e, por dedução, também da psicose e da perversão. Joël Dor fala de “ancoramento das perversões”⁴, isto é,

³ KEHL, M. R. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁴ DOR, J. *Estruturas e Clínica Psicanalítica*, 1991, p. 39.

a fixação de uma identificação fálica imaginária. A criança, geralmente um menino, firma a fantasia de ser o falo da mãe, o objeto que vai tampar o lugar da falta do pênis na mulher, renegando ou desdizendo, desta maneira, a incidência ou o testemunho vivo da castração simbólica.

Acontece que, nesse instante lógico da fixação ou cristalização da fantasia perversa, o menino fora tomado pelo horror da castração e teve que construir defesas fortíssimas, coerentes com a extrema ambigüidade da qual se faz objeto. De um lado, a complacência exagerada do pai – abandono, ausência –, esvaziando a potência simbólica da metáfora paterna, e, de outro lado, a mãe carente, insatisfeita, alçada ao lugar de mãe fálica e prisioneira do seu imperativo superegóico de seduzir o seu filho e garantir a própria satisfação libidinal.

O menino sucumbe, também prisioneiro desta vivência contingencial, entre a sedução materna (“seja o falo que me falta!”) e a complacência paterna sem limites (“Tô nem aí!”). O supereu que é formado neste *entre-dois* é o supereu arcaico, proveniente de um “trauma primitivo”⁵, trauma que não é outro senão o horror experimentado neste momento agudo da vivência da castração da mãe. Aliás, de uma dupla falta da qual a criança se vê prisioneira.

É um grande paradoxo este (presença e ausência do falo), porque é ele que estrutura a perversão e fornece combustível para as montagens perversas. Estou falando da *falta* como sinônimo da castração imaginária vivida pela criança (a falta de um pênis real na mãe) e, também, da *falta* da castração simbólica que deveria incidir na relação da mãe com a criança, barrando e

limitando o gozo incestuoso e mortífero. Esta falta – aquela da operação simbólica da metáfora paterna (Lei do Pai), que faz corte, separa e limita o gozo, da criança e da mãe –, produz angústia e vazio, como disse Lacan no *Seminário da Angústia*: “A angústia é a falta da falta”⁶.

A metáfora paterna recalca o supereu primitivo e possibilita a estruturação do segundo supereu – aquele que se constitui como o “herdeiro do complexo de Édipo”⁷ – que instaura, formaliza e garante o lugar simbólico do Pai, da Lei, da cultura, da subjetividade, do desejo, da vida numa sociedade organizada. Esse supereu limita o gozo e possibilita acesso ao desejo do Outro. Por outro lado, o supereu arcaico impõe uma outra lei ao eu, lei contraditória e paradoxal, que chamamos de lei perversa, pois se trata de um persistente, maciço e categórico imperativo de gozo.

Na vivência da dupla falta, a criança, por um lado, descobre que a mãe não é “toda”, não é completa, exatamente porque ela deseja o pai e aquilo que ele é suposto ter; o falo. Dedução lógica: a mãe não o tem, ela é castrada, ela precisa tê-lo, ela precisa do outro. Esta descoberta gera angústia, horroriza e ela vai se fazer de objeto para a mãe, no lugar de ‘a’, daí a fórmula $a \diamond \$$, que matematiza a fantasia da criança, se colocando no lugar de **f** (do objeto ‘falo imaginário’ da mãe)⁸ para resolver a questão da angústia e o faz num movimento duplo: sabendo fazer a mãe gozar, cobrindo-lhe o lugar da falta, satisfazendo-a libidinalmente, e, ao mesmo tempo, sendo instrumento do gozo de

⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

⁶ LACAN, J., *A angústia*. Seminário 10, inédito, cópia xerográfica.

⁷ FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*, v. XIX, 1976.

⁸ COTTET, S. *O paradoxo do gozo*. Três Seminários. *Transcrição 5*. Publ. da Clínica Freudiana, Salvador, 1989.

uma *montagem perversa*⁹ com o pai – o gozo do desafio ao pai (dentro de uma cumplicidade gozosa com ele) e da transgressão de sua Lei.

Nessa montagem, tanto o pai quanto o filho recusaram ou renegaram fortemente o exercício metafórico da castração simbólica. O *desafio* e a *transgressão*¹⁰ são o exercício de buscar, incessantemente, garantir e esticar o usufruto do gozo, além de todos os limites que a Cultura e o Pacto Civilizatório impõem ao Outro.

Todos gozam, todo ser humano goza, não há como ficar sem gozar, porque o corpo exige satisfação e ele a tem, sempre *parcial*¹¹, pois tendo sido atravessado pela linguagem, perdeu para sempre a possibilidade do gozo absoluto, da felicidade ao mais elevado grau. Assim, o neurótico goza do gozo fálico-parcial permitido pela Lei do pai simbólico: “Você pode gozar de qualquer uma outra mulher, menos desta que é a minha e, ao mesmo tempo, sua mãe”¹². Reconhecendo este dom do pai – o compartilhamento fálico através da identificação –, o filho se submete à castração (à Lei) e assume essa dívida simbólica ao Pai.

O perverso, também, goza do gozo fálico-parcial, embora ele acredite e se esforce ao máximo para alcançar o gozo absoluto, ou seja, fazer o Outro gozar ‘o gozo de Deus’, subvertendo as condições que são as do neurótico. Daí a frase célebre de Freud: “A neurose é o negativo da perversão”¹³. O perverso é o reverso

do neurótico, porque é o contrário da submissão ao Pai e à sua Lei, ele é o “*do contra*”, rebelde assumido, sempre recusando, desmentindo e desdizendo a castração simbólica. Desgaste desnecessário, porque, mesmo no auge da sua fantasia, o perverso topa com a barra imposta pela castração. É isso que Lacan diz em *Kant com Sade*¹⁴.

O gozo do perverso não está no sofrimento da culpa, da dívida, da ambivalência do “fazer/desfazer” dos obsessivos, das somatizações ou conversões somáticas dos histéricos. Isso é coisa de neurótico!... O gozo perverso está no desafio ao pai e na transgressão de suas leis, na compulsão à repetição e na satisfação pulsional sádica e masoquista. O neurótico, também, está preso a essas modalidades de gozo, contudo a sua satisfação está sujeita ao processo do recalçamento e à formação do sintoma, o que corta, limita e produz perda de gozo. Daí a sua insatisfação permanente!

O neurótico desafia e transgredir, mas o faz de uma maneira covarde, inibida, medrosa, relutante, fugidia. O obsessivo desafia o pai e tenta rivalizar-se com ele, mas age como se pedisse pelo amor de Deus para que o pai *não abandone* o seu lugar de Pai. O neurótico precisa do pai no lugar dele. O perverso, ao contrário, goza de transgredir as leis do pai e de desafiá-lo ao extremo de usurpar o seu lugar e o seu poder, fazendo da Lei, a lei de sua própria pessoa – melhor dizendo, a lei de seu supereu arcaico, que lhe ordena: “goza!”¹⁵.

⁹ CALLIGARIS, C. *Perversão – um laço social?* (Conferência), Cooperativa Cultural Jacques Lacan, Salvador, 1986.

¹⁰ DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.

¹¹ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, ESB, v. XVIII, 1976.

¹² FREUD, S. *Totem e tabu*, v. XIII, 1974.

¹³ FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, v. VII, 1972.

¹⁴ LACAN, J. *Kant com Sade*, *Escritos*, v. 2, Mexico: Siglo Veintiuno, 1985.E, *Summum Jus, Summa Injuria* – Trabalho elaborado pelo Grupo de Produção “Perversão e Lei” (CPMG e FÓRUM IFPS), cujos autores são: Sandra S. Kruehl (Coordenadora), Miriam C. A. Farias, Osmar B. C. Lima, Bernardo L. Oliveira, Sérvulo A. Pacheco, Messias E. Chaves.

¹⁵ LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Diferentemente do neurótico – que desafia e transgredir, sonhando encontrar uma saída para os seus sofrimentos, mas sempre de uma forma ambivalente –, o perverso goza do *desafio* e da *transgressão*, de uma maneira fixada, cristalizada e permanente. O perverso goza de renegar e afirmar, constantemente, a castração simbólica, se ocupando e se desgastando com o Pai, até as raias do absurdo, nos moldes da onipotência primária, mantendo o Pai prisioneiro no seu campo de gozo, pois precisa dele, para *gozar o gozo de fazer o Pai (Outro) gozar!*...

O perverso inverte a fórmula da fantasia, ocupando a posição de *objeto ‘a’*, de onde não cessa de insistir em fazer o Outro gozar, isto é, em buscar alcançar o gozo absoluto impossível. Este mecanismo, denominado por Freud de *Verleugnung* (recusa, renegação, desmentido) da castração, mantido estável e cristalizado numa mesma estrutura de fantasia e de obtenção de gozo, é o mecanismo do que se chama de estrutura perversa ou de “perversão de estrutura”¹⁶.

O exemplo típico de estrutura perversa é o *fetichismo*¹⁷ e convenhamos que esta não é uma manifestação muito freqüente na clínica. Na verdade, é rara, pois o objeto fetiche (falo imaginário) representando o pênis que falta à mulher, renega tão bem a castração materna que o sujeito, mesmo dividido em seu eu, se protege tão bem da “senhora” angústia – relacionada à mãe castrada – que até parece nunca tê-la conhecido.

Por isso, o fetichista não se interessa pela análise e se, por algum tipo de *semblante* qualquer, viesse algum dia a se encontrar com um analista, seria,

certamente, para gozar de uma complacência perversa com ele na transferência ou do desafio de usurpar o seu lugar – afinal, ambos, analista e perverso, têm uma certa atração pelo lugar de *objeto ‘a’* –, fazendo vigorar ali a sua própria lei, invertendo a posição subjetiva, insistindo em ‘*mais-gozar*’ do lugar de causa ($a \diamond \mathcal{S}$).

A diferença fundamental reside em que o analista opera desde ‘*a*’, fazendo *semblante* de ‘*causa de desejo*’, para produzir efeito de sujeito em seu analisando, e o perverso opera de ‘*a*’, do lugar de ‘*mais-gozar*’, se fazendo de ‘*instrumento*’ de gozo do Outro, a ser obtido mediante a ‘*clivagem do eu*’ daquele que se acha à sua frente, fazendo com que ele venha a se engajar numa montagem perversa. No dizer de Patrick Valas, “O que ele de fato procura, é produzir a falta no analista para despossuí-lo de seu saber, é forçá-lo a revelar um gozo *inconfessável*”¹⁸. ϕ

¹⁶ CALLIGARIS, *Perversão – um laço social?* (Conferência), Cooperativa Cultural Jacques Lacan, Salvador, 1986.

¹⁷ FREUD, J. *Fetichismo*, v. XXI, 1974.

¹⁸ VALLAS, P. *Introdução ao estudo das perversões. Papéis do Simpósio*. Trad. Sílvia Grebler Myssior, 1990.

Keywords

Père-version – Perversion – Neurosis – Psychosis – Oedipus – Castration – Unconscious – Structure – Paternal metaphor – Drive – Enjoyment (jouissance) – Desire – Fantasy – Law – Father – Superego – Anxiety – Repression – Denial – Denegation – Disavowal – Other – Phallus – Identification – Fixation – Challenge – Transgression – Mounting – Imaginary – Symbolic – Fetishism – Semblant – Object "a" – Cause of desire – Supplementary enjoyment – Analyst – Civilizing pact

Abstract

"Père-version" states the different versions of the father, pointing to the place of the structure. Perversion is one of the versions of the father, as much as neurosis and psychosis are. They are different responses of the unconscious relation of the subject to the Father. The Father is the master representative of the symbolic order, S_1 the One, whose desire has value of law. The response structured as a neurosis, has as a main characteristic to put questions regarding the desire of the Other, and also the effects of castration and of the symbolic debt. In the case of perversion, the questions regard the phallus and jouissance. In the case of psychosis the questions regard, mainly, the body and the primary narcissism.

bibliografia

CALLIGARIS, C. *Perversão – um laço social?* (Conferência), Cooperativa Cultural Jacques Lacan, Salvador, 1986.
COTTET, S. O paradoxo do gozo. Três Seminários. *Transcrição 5*. Pub. da Clínica Freudiana, Salvador, 1989.
DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991. 124 p.
FÉRES, N.R. Aquém e além do fantasma. Em 'Kant com Sade'. *Caderno 3. Aleph – Psicanálise Transmissão*, Belo Horizonte, 1999.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo, v. XIX, *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
_____. Esboço de Psicanálise, *ESB*, v. XXIII, 1975.
_____. Totem e tabu, *ESB*, v. XIII, 1974.
_____. Além do Princípio do Prazer, *ESB*, v. XVIII, 1976.
_____. Totem e Tabu, *ESB*, v. XIII, 1974.
_____. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, *ESB*, v. VII, 1972.
_____. Fetichismo, *ESB*, v. XXI, 1974.
JORGE, M.A.C. A pulsão de morte p. 23-39. Ver. *Estudos de Psicanálise*, n. 26, out./2003. Publ. Círculo Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, 2003.
KEHL, M.R. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 269 p.
LACAN, J. Kant com Sade, p. 744-770. *Escritos*, v. 2. México: Siglo Veintiuno, 1985.
_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 201 p.
_____. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. 336 p.
_____. *A angústia*. Seminário 10, inédito, cópia xerográfica.
NÁSIO, J.D. Gozo (Primeira lição). Em *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 171 p.
_____. O objeto 'a'. Em *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 171 p.
_____. O conceito de identificação. Em *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. 171 p.
_____. *Sobre o superego*. Em *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. 171 p.
PHILIPPE J. *Psicose, perversão, neurose*. A Leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
VALAS, P. Introdução ao Estudo das Perversões. *Papéis do Simpósio*. Trad. Sílvia Grebler Myssior – Fev. 1990.
VIDAL, E. Sinthoma e Escritura. *Rev. Letra Freudiana. Do Sintoma ao Sinthoma – Ano XV n. 17/18*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.